

Coffee Time News student-journalists had the good fortune of befriending Mr. Tom Bates whose work includes playing drums and composing music for Irish bands Forlorn, Frankenstein Bolts and The Hundred Flower Campaign. We found his music to be incredible and interviewed him about maintaining a career as a professional musician in today's world. What makes his career even more interesting is playing in Ireland, which as an island has its own special culture and music scene. We thank Mr. Bates for all his time and thank our own student-journalists who prepared so well for the interview.

Os estudantes-jornalistas do Coffee Time News tiveram a sorte de conhecer o Sr. Tom Bates cujo trabalho é ser baterista e, compõe música para bandas irlandesas como Forlorn, Frankenstein Bolts e The Hundred Flower Campaign. Nós entrevistá-mos o músico por ser incrível e, para saber como é manter uma carreira profissional de música hoje em dia. O que faz a sua carreira mais interessante é tocar na Irlanda, que é uma ilha com a sua própria cultura e estilo de música. Nós agradecemos ao Sr. Bates por todo o seu tempo e, agradecemos a todos os estudantes-jornalistas que prepararam tão bem esta entrevista.

CONSTANÇA SIMÕES: As you learned to play the drums, how much of it was classical training and how much of it was learning by ear? What was the best strategy or tip you used to help you become a professional drummer?

TOM BATES: So, when I started drumming, I taught myself and I did everything myself. I remember hearing of Bruce Springsteen, since my uncle used to play music and he would always tell me about Bruce Springsteen's drummer and when his band was looking for a new drummer, they wanted a home-grown drummer, so I was like, "Oh, yeah, I'm going to keep this up anyway." So, I did that for years, you know and then YouTube came along as well, so being self-taught kind of develops into something else. Then, in 2012, I went and studied. I finally decided to go and study music. I studied contemporary music in Dublin. It was a Berklee tracked course, so it's basically a course that comes from Berklee in Boston. So, I did the first two years of that with jazz as well. Previously, I did have a friend of mine who was a really good drummer as well and I took some one-on-one lessons with him. Other than that, the number one thing was being a homegrown drummer, and I think it's good to have a combination of the two. Lots of kids start off and they want to get lessons straightaway, but you have to find out what you like first as you find out what feels good and as you develop your own ear.

CONSTANÇA SIMÕES: Enquanto aprendi a tocar, quanto desse treino foi clássico e quanto desse treino foi apenas ouvindo? Qual foi a melhor estratégia ou conselho que o ajudou a tornar-se um baterista profissional?

TOM BATES: Então, quando comecei a tocar bateria, eu é que me ensinei... eu é que me ensinei tudo e eu lembro de ouvir o Bruce Springsteen. O meu tio tocava música e ele sempre me disse que o baterista do Bruce Springsteen, quando estavam à procura de um novo, eles queriam um baterista "feito em casa", então eu pensei: "Okay, okay, eu vou continuar assim." Então eu fiz isso durante anos, sabes, depois veio o YouTube, então ser educado por mim próprio torna-se noutra coisa. De seguida, em 2012, eu fui estudar... eu finalmente decidi estudar música. Eu estudei música contemporânea em Dublin. Era um *Berklee tracked course*, então é basicamente um curso que vem de Berklee em Boston. Então, eu fiz os dois primeiros anos disso com jazz. Antes, eu tinha um amigo que também é baterista, eu tive aulas privados com ele. Sem ser isso, número um, sou baterista desenvolvido internamente, e eu acho que é bom ter uma combinação de ambas. Muitas crianças começam e querem logo ter aulas, mas primeiro

tens de descobrir aquilo que gostas... descobrir o que te faz sentir bem e desenvolver as tuas preferências.

CONSTANÇA SIMÕES: What makes you a unique drummer? What tricks do you have up your sleeve that define your style?

TOM BATES: Being diverse and playing a lot of different styles is important. Frankenstein Bolts is dream pop and really chill. It's nice and relaxing and I play very soft, but I still play with sticks, but my origins are in heavy music, like heavy rock, so I'm a hard hitter. So, where I came from playing heavy music, I'd actually already started using brushes with another band, and when I came to Frankenstein Bolts I had to readdress how I played the drums.

CONSTANÇA SIMÕES: O que te faz um baterista único? Que truques tens na manga, que definem o teu estilo?

TOM BATES: Sendo diverso... então, eu toco vários estilos. Frankenstein Bolts é o estilo *dream pop*, tipo muito tranquilo. É fixe e relaxante e eu toco muito devagar, mas eu ainda toco com baquetas, mas as minhas origens são músicas pesada... rock pesado, então eu sou um baterista pesado. Então, eu ascendi a tocar música pesada, eu na verdade já comecei a usar vassouras com outra banda e depois quando eu vim para Frankenstein Bolts, eu tive que reformar a forma como eu tocava bateria.

YURI SUNDERMEYER: Do you like to play extended drum solos? Your band is fairly mellow. Do you ever get the chance to let loose and go berserk on the drums?

TOM BATES: So, that's kind of what I was talking about there, having the different bands. The rock bands I get to play on, yes, I get to cut loose on those ones and I can really hit hard. The gigs that I do in particular, I often leave sections of the song where they're improvised, so I can just let go and I don't have the same fills every time and I can just go and improvise, which makes me play harder and louder and more aggressive with more energy and that makes it a little more interesting. So, when I was in college and we were doing jazz, yeah, we'd focus on that, but at the moment, not really. Sometimes, with the rock bands, I'll do endings where they sound like a segment of drum solos. But, if you're in a rehearsal room by yourself and you're practicing your drums, it's good to take some time occasionally, or even every time you're practicing, to bust it out to see what you've got in your arsenal.

YURI SUNDERMEYER: Gosta de tocar longos solos de bateria? A vossa banda é bastante calma. Alguma vez perdeu o controle e "enlouqueceu" com a bateria?

TOM BATES: Então, isso é do que eu estava a falar, ter bandas diferentes... as bandas rock em que eu toco, sim, eu tenho que me soltar e posso realmente bater forte. Os concertos particulares que eu faço, costumo deixar partes das músicas para improviso, então eu posso... não tenho sempre as mesmas viradas e posso improvisar, o que me faz tocar mais forte, mais alto e mais agressivamente... com mais energia e isso torna a música um pouco mais interessante. Assim, quando eu estava na escola e estávamos a fazer jazz, sim, nós focávamos-nos nisso, mas no momento, não muito. Às vezes, com as bandas rock, eu faço finais onde aparece um segmento de solos de bateria. Mas se tu estás numa sala de ensaio a praticar bateria, é bom ter ocasionalmente ou mais tempo para praticar, e assim melhorares e desenvolveres o teu arsenal.

ISABEL BORGES: How much of being a musician is having the right attitude? In other words, do you consider swagger to be an important ingredient for performing musicians?

TOM BATES: Yeah, this is an interesting question. I was thinking about this. The rock industry or the pop industry, you would consider musicians to be big personalities, so they kind of swagger and the big personality comes along with that, but I think in my experience, and a lot of people I meet as well would agree, including even very famous drummers that you see in interviews, that one of the most important things is a good attitude. Be nice to people. Be nice to people and people appreciate it and then they are nice to you. You get on with them and enjoy it.

ISABEL BORGES: Qual deve ser a atitude certa dum músico ? Noutras palavras, considera que ter confiança é uma coisa importante na atuação dos músicos ?

TOM BATES: Sim, essa é uma pergunta importante. Eu estava a pensar em relação a isto. A indústria do rock ou do pop considera que os músicos devem ter grandes personalidades e, também, terem esse tipo de confiança; mas na minha experiência, e de outras pessoas que conheço, até em bateristas muito conhecidos tu vês entrevistas deles e, uma das coisas mais importantes é uma boa atitude. Ser simpático com as pessoas. Sendo simpático com as pessoas elas vão apreciar. Desse modo as pessoas vão ser simpáticas contigo.

RAFAELA MATOS: There are many drummers who are admired and respected. Who do you consider to be a true drum god?

TOM BATES: So, yeah, I don't think anyone is a drum god, but there are those ones that are particularly talented. They just have it and I find them extremely inspirational. Number one I think of is Danny Carey of Tool. I've always just had the ultimate respect for him. He plays prog metal. So, Danny Carey, he's my all-time hero really. He plays on a heavy band, you know. It's heavy music, but he has this way of making it really melodic and stylistic and great. Definitely him and loads of drummers really. Jimmy Chamberlin. If you're talking about jazz, Brian Blade is another one who you would just consider an artist on the kit.

RAFAELA MATOS : Existem muitos bateristas que são admirados e respeitados. Quem considera ser um deus da bateria?

TOM BATES: Eu não considero que alguém seja um deus da bateria, mas existem alguns que são particularmente talentosos. Eles simplesmente são muito inspiradores. Numero um, eu penso que seja Danny Carey, ele é o meu herói de todos os tempos. Ele toca num banda pesada. É música pesada, mas ele tem o modo de transformar esta música em algo melódico e estilista. Definitivamente, ele e muitos outros artistas, na verdade. Jimmy Chamberlin. Se estivermos a falar de jazz, Brian Blade é outro que iria considerar um artista incrível.

ISABEL BORGES: In your band, are all of you active in making creative contributions or is that left up to one or two central members?

TOM BATES: Okay, so with Frankenstein Bolts, it's Justin, the singer and guitarist, who will write the pieces and he will mostly arrange them as well. He will bring them to us and we add our style and we will make arrangement changes as well, but it is mainly him, but we like to think that we do add our style. When it comes to Forlorn, that's different. The guitarist may write a couple of riffs and then we arrange it together and we have, like, pretty much free rein within our own agreement together as how it will work together. We get to bust out the chops more on that.

ISABEL BORGES: I was listening to your music yesterday and I listened to your band Forlorn and I liked two of your songs called "Drain" and "Idle Hands". They were nice.

TOM BATES: Yeah, cool. The "Idle Hands" came from the first EP, in 2020, a few years ago. We're currently recording again now. "Drain" was a single release. It was last year, I think. There's a video for that on YouTube as well. I made the video actually. I do a bit of videography. We shot it in our rehearsal space. We just made it ourselves. The song got a bit of traction.

ISABEL BORGES: What are your favorite songs with this band?

TOM BATES: If you're talking about that EP, *Under Ursa*, "Nightmares". That song carries through a lot, but when we formed the band, the first song that the guitarist brought to us was "Idle Hands", and I thought that had something special to it. We have a lot of material now that we haven't release yet, so we're hoping to have an album out this year.

ISABEL BORGES : Na sua banda, são todos muito ativos em dar contributos criativos ou há só um ou dois membros principais?

TOM BATES: Ok, então no Frankenstein Bolts, é só o Justin, o cantor e o guitarrista, que escreve as peças e arranja-as. Ele mostra-nos as peças, nós acrescentamos o nosso estilo e fazemos também alterações. No entanto, é principalmente ele o responsável, nós gostamos de pensar que adicionamos o nosso estilo. Quando se trata do Forlorn, aí é diferente. O guitarrista escreve alguns acordes, e depois, nós fazemos os arranjos juntos; aqui temos, basicamente, liberdade para fazer as nossas próprias alterações. Nós podemos, assim, mostrar o nosso melhor.

ISABEL BORGES: Eu estava a ouvir a sua música ontem e, ouvi a sua banda Forlorn tendo gostado de duas músicas, "Drain" e "Idle Hands". Eram boas.

TOM BATES: Sim, boa. A "Idle Hands" veio do primeiro EP, em 2020, a alguns anos atrás. Nós estamos atualmente a gravar. "Drain" foi um publicação única. Foi no ano passado, acho eu. Há um vídeo no YouTube, também. Eu fiz um vídeo na verdade. Eu faço um pouco de videografia. Nós filmámo-lo no nosso espaço de ensaio. Nós é que o fizemos. A música teve alguma atenção.

ISABEL BORGES: Quais são as suas músicas favoritas com esta banda?

TOM BATES: Se estamos a falar sobre este EP, *Under Ursa*, "Nightmares". Esta canção era muito completa mas quando formámos a banda, a primeira canção que o baterista nos trouxe foi "Idle Hands", e achei que havia algo de especial naquela música. Agora temos muito material que ainda não lançámos, por isso esperamos ter um álbum publicado este ano.

CONSTANÇA SIMÕES: Music, like all arts, requires a high level of creative intelligence. When are you at your most creative? What is the best way for teenagers and young adults to improve their creative intelligence?

TOM BATES: Music listening, I think is important. Particularly active listening, because a lot of times people just stick on music and it's just background, so I remember when I was a teenager we'd actually sit down and put on a CD or whatever and just listen to it.

I guess inspiration is a huge thing and where you get your inspiration from. That's going to gigs as well. I always found that inspiring, but whatever inspires you works.

Your practice time, having a really good practice schedule is going to develop your musical intelligence.

CONSTANÇA SIMÕES: Música, como todas as artes, requer um alto nível de inteligência criativa. Quando se sente mais criativo? Qual é a melhor maneira para os adolescentes e os jovens adultos melhorarem a sua inteligência criativa?

TOM BATES: Ouvir música, acho muito importante. Ouvir ativamente, porque muitas das vezes as pessoas vão ouvir música apenas como som de fundo, então eu lembro-me que quando era adolescente, nós sentávamo-nos e colocávamos um CD a dar ou qualquer coisa e apenas ouvíamos. Acho que a inspiração é muito importante e também onde a vais buscar. E também ir a concertos, sempre o achei inspirador, mas tudo o que te inspira resulta. Ter tempo para praticar, ter um bom horário para praticar também ajuda a desenvolver a tal inteligência musical.

ISABEL BORGES: I just wanted to point out something that you said about when you were a teenager and you used to sit down and play CDs. I think nowadays people, when they listen to music, they are always doing something else and they're not really paying attention to the music itself and I think it's very important to still spread that message of music appreciation.

TOM BATES: Yeah, for sure, for two reasons, I think. First, for your own personal enjoyment and how much you can hear in the music as well. I will listen to an album now, after ten years or even more, and I'll hear something new still. The other thing is, like, I play gigs where I might not have time to practice, like if we're doing a cover and might not have time to practice it, but I'll drive along in the car and I'll put it on repeat. I've been at gigs where I haven't played on the kit at all, but I turn up at the gig and because I listened to it so much, I put it in my head and you just go and play it without having to practice.

ISABEL BORGES: Eu só queria sublinhar uma coisa que disse, que quando era adolescente sentava-se e simplesmente ouvia música nos CDs. Hoje em dia as pessoas estão sempre a fazer algo e não prestam realmente atenção à música, e acho muito importante de espalhar essa mensagem, de apreciar a música.

TOM BATES: Sim, claro, por dois motivos. Primeiro, para o teu gosto pessoal e quanto consegues ouvir na música. Eu ouço um álbum à dez anos, ou até mais, e ainda ouço algo novo. Outra coisa que gosto é que eu dou concertos em locais onde às vezes não tenho tempo para treinar, se estivermos a fazer um cover, e posso não ter tempo de treinar, mas quando vou no carro estou sempre a repetí-la. Já estive em concertos em que nem toquei no kit de bateria, mas vou ao concerto, e como a ouvi tanto, já a tenho na cabeça, e vou só tocá-la sem a praticar.

ISABEL BORGES: Typically, when we think of rock, we think more of British acts. I was curious, what is the relationship between the London scene and the Dublin scene? Do British and Irish rockers intermingle much?

TOM BATES: The scene here is funny. The UK scene is quite good. They're quite supportive. When it comes to rock, I think the genre is too general, but when you get into niches, like punk or hardcore or whatever, there are all these pockets of communities and they kind of speak to each other and help each other out. Whereas in Ireland, it is quite difficult to get in and break out. It feels like there's not a whole lot of a music scene for it. So, I guess that all comes down to online promotion and all that, but it is difficult.

ISABEL BORGES: Tipicamente, quando pensamos em rock, pensamos mais em bandas britânicas. Estava curiosa, qual é a relação entre a cena de Londres e a cena de Dublin? Os roqueiros britânicos e irlandeses contactam-se muito?

TOM BATES: A cena aqui é estranha. A cena do Reino Unido é bastante boa. Eles apoiam muito, quando se trata de rock. Eu acho que a palavra rock é um termo muito geral, mas quando se trata de outras coisas como punk ou hardcore ou qualquer coisa, há sempre estes "bolsas" de comunidades e eles falam-se e ajudam-se uns aos outros, enquanto que na Irlanda é um pouco difícil entrar nesta cena e tornar-se popular. Parece que não assim uma grande cena musical, então acho que tem de ser tudo online e publicidade no digital e tudo isso é difícil.

ISABEL BORGES: We have read that larger acts make most of their revenue off of touring and merchandise. Is that also true for smaller and local acts? For a new band who wants to make money off their music, what is the most important thing they should do?

TOM BATES: Yeah, this is hard and it depends on your scene as well and how far it reaches. In Ireland, because we're on an island, we are kind of confined to a couple of cities or towns, but in the likes of Europe, you got so much access to everywhere as well. So, with starting off, really, I think probably the best thing is to not undersell yourself, like with Forlorn, when we developed the band, we were all kind of mature guys and we already had relationships with certain venues from other bands we were in, so I would approach a venue, and I would say that I wanted to do this gig and I wanted this fee straightaway. We are an original band mainly, but we do end up doing a few covers as well. So, starting out it worked out having 50/50 covers and originals until we scaled it back until we just did originals. So, that is helpful, but I think probably the best thing for a band would be to have management or an agent because the reach is much better.

ISABEL BORGES: Nós lemos que as bandas e os artistas obtêm a maioria dos seus lucros através de tours e artigos para venda. Isso também é verídico para artistas mais pequenas e locais? Para uma nova banda que quer obter lucro através da sua música, qual é a coisa mais importante que se deve fazer?

TOM BATES: Sim, é difícil e também depende da tua cena e a quão longe ela chega. Na Irlanda, como é uma ilha, estamos um pouco confinados com algumas cidades. Então, começar, acho mesma que a melhor coisa é não te subvenderes, como quando começamos a banda, eramos já maduros, e tínhamos relações com outros locais de outras bandas em que estivemos, então quando eu chego a um local e digo que queria fazer um concerto e queria logo o valor. Para uma banda original,

maioritariamente, mas também acabamos por fazer algumas músicas *cover*. Portanto, ao começar resultou bem ter 50/50 músicas *cover* e músicas originais até termos menos e menos *covers* até lá só fazíamos originais. Então, isso ajuda, mas eu penso que provavelmente a melhor coisa para uma banda seria ter um agente, porque a facilidade de chegar às pessoas é muito maior.

YURI SUNDERMEYER: With so much streaming and digital platforms, it seems easy to get your music out there, but how do you get more people interested in listening to it?

TOM BATES: That's a good question. If you can find out the answer, let me know. Yeah, everything online is huge today. Even Spotify is kind of weird because you can't just upload your music onto it yourself. You have to have a distributor to do that, so often it takes a few days to do it and I do remember when all these things were starting out, like even before Facebook and all, when there was Bebo and we used to upload our band profile onto that and that was way, way back and everything is algorithms these days, so it's very hard to reach everyone and so you can pay for ads on Facebook and sometimes we do that as bands as well, especially if we've got a launch of a single or an album coming out, we might pay for an ad on Facebook.

YURI SUNDERMEYER: Com tantas *streamings* e plataformas digitais, parece fácil colocar a sua música lá fora, mas como é que você faz com que mais pessoas se interessem em ouvi-la?

TOM BATES: Essa é uma boa pergunta. Se tu conseguires descobrir a resposta, avisa-me. Sim, tudo online está enorme hoje em dia. Mesmo com o Spotify é meio estranho, porque tu não podes simplesmente fazer o upload das tuas músicas para ele mesmo. Tu tens de ter um distribuidor para fazer isso, muitas vezes leva alguns dias para o fazer e eu lembro-me de quando todas essas coisas começaram, como antes mesmo do Facebook e tudo mais, quando havia *Bebo* e costumávamos fazer o upload do perfil da nossa banda para isso e isso era muito, muito atrás e tudo são algoritmos hoje em dia, então é muito difícil alcançar todos e tu podes pagar por anúncios no Facebook e as vezes o que fazemos como bandas também, digamos que se tivermos um lançamento de um single ou de um álbum que saio, podemos pagar um anúncio no Facebook.

RAFAELA MATOS: Do you feel Spotify and other platforms are here for the long term? In ten to twenty years, will they still be relevant or will there be more evolution in the near future?

TOM BATES: Well, it could go two ways. AI could take over all together and then musicians will be made redundant, and people will just be making music with computers, or AI will make it for them, or the other way it could go is that the artists will get more rights for royalties, because it's pretty hard to make money from Spotify as artists. So, obviously I'm hoping the royalty rights are going to be better in twenty years, so musicians as artists are respected more.

RAFAELA MATOS: Tu achas que o Spotify e, outras plataformas, vão existir por muito tempo? Nos próximos dez ou vinte anos, elas continuarão iguais ou estarão mais evoluídas no futuro?

TOM BATES: Bem, pode haver duas alternativas. A inteligência artificial (IA) pode assumir tudo e, os músicos podem ficar desempregados. As pessoas farão música com os computadores ou IA fará a música por elas. A outra alternativa será os artistas ganharem mais com os direitos, porque é muito difícil, como artista, ganhar dinheiro no Spotify. Então, obviamente, que estou a esperar que os direitos de autor melhorem em vinte anos para que os músicos, e artistas, sejam mais respeitados.

ISABEL BORGES: So, following up on what you were saying... I think even if AI evolves a lot, I do think people, especially of our generation will keep on listening to older music since it's trending a lot. People are really interested in listening to it again, like the 80s, 70s and 60s, so I think even if AI starts making music, people will still be very interested in listening to older music and I believe we can still have hope in the next generation, that they will continue to listen to the songs.

TOM BATES: Yeah, I agree 100%. I want to be optimistic about the future. I don't go into record stores very much anymore, whereas I used to go in every week when I was a teenager, but I was in there recently seeing how much records, in particular older records are being reprinted, so yeah, it is refreshing and I think I had this debate with a friend recently as well, talking about even composing music, where you don't really compose music for the listener, you're composing for yourself, because it's what you like and what you think is good and you're aiming for an amount of people that would have that same mindset and that appreciate people for what they're creating, so it's good to hear some optimism for the future.

ISABEL BORGES: I have a lot of CDs in my house. We have a CD player, so when I was younger I used to listen to a lot of music on CDs and still do. I've known a lot of friends as well as me that have vinyl at home and we collect them, especially some bands or musicians we like, but I don't have a record player, but I want to, but I still don't have one.

TOM BATES: Actually, my record player is broken and I need to fix it as well. I was starting to build up my collection, but I've always collected CDs. I remember when I was in college, when I was 19 or whatever, I used to, even though I was on a student budget, I would go into the record store every week and I'd buy a CD even if it was a cheap one, I'd just buy one every week.

ISABEL BORGES: Então sobre o que disse, eu acho que mesmo que a inteligência artificial evolva muito, penso que as pessoas, especialmente da nossa geração, continuam a ouvir a música antiga e está muito na moda agora, as pessoas estão interessadas em ouvir de novo como os anos 80, 70 e 60. Desde modo penso que mesmo que a inteligência artificial começa a fazer música, as pessoas vão estar mais interessadas em ouvir a música antiga. Penso que podemos ter esperança que as próximas gerações continuem a ouvir música antiga.

TOM BATES: Sim, concordo 100%. Eu quero ser otimista sobre o futuro e ver o quanto... Eu costumava ir muito a lojas de discos e agora não vou mais, enquanto eu costumava ir todas as semanas quando era adolescente, mas agora quando estou lá vejo quantos discos, em particular discos mais antigos, estão a ser reimpressos, então sim, é refrescante e acho que tive esse debate com um amigo recentemente também falamos sobre até mesmo compor música... quando uma pessoa compõe música, não compõe para o ouvinte, compõe para si mesmo, porque é o que gosta e o que acha melhor e vê uma quantidade de pessoas que tem a mesma mentalidade e que apreciam as pessoas pelo que estão a criar, então é bom ouvir algum otimismo para o futuro.

ISABEL BORGES: Eu tenho muitos CDs na minha casa. Temos um CD player, então quando eu era mais nova, costumava ouvir muita música em CDs e ainda ouço. Conheço muitos amigos, assim como eu, que têm vinil em casa e nós colecionamos... alguma banda ou músico que gostamos, mas eu não tenho um toca-discos, eu quero, mas ainda não tenho.

TOM BATES: Na verdade, meu toca-discos está partido e eu preciso de arranjar também. Eu estava a começar a construir a minha coleção, mas sempre colecionei CDs. Lembro-me de quando estava na faculdade, quando tinha 19 anos mais ou menos, eu costumava, mesmo que estivesse com um orçamento estudantil, ir à loja de discos todas as semanas e comprava um CD, mesmo que fosse barato, eu comprava um todas semanas.

DIOGO BORGES: Do you enjoy doing covers or is all your work original music? How do you feel about cover bands who make their money playing other people's music?

TOM BATES: I don't mind cover bands and occasionally I've been on a group, but never for an extended period of time, where we did covers. As I was saying with the band Forlorn, when we started out, we were 50/50 covers and originals and I've done a few gigs like that. For a musician, it's sometimes very useful to do covers for a time and to learn how other musicians do what they do and then you can bring that into your playing, but I've always been from the get-go an original player trying to have my own style and develop by myself.

DIOGO BORGES: Você gosta de fazer *covers* ou todo o seu trabalho é música original? Como é que se sente sobre bandas que fazem dinheiro a partir das músicas dos outros?

TOM BATES: Eu não me importo com as bandas que fazem *covers* e ocasionalmente eu estive num grupo, mas nunca por um período de tempo extenso onde nós fizemos *covers* ou como estava a dizer, com a banda Forlorn, quando nós começamos nós estávamos a fazer 50 / 50 *covers* e originais e eu fiz alguns espetáculos assim. Às vezes para um músico pode ser muito útil a fazer *covers* por um tempo e te aprender como é que os outros músicos fazem o que fazem e tu podes trazer isso para a tua forma a tocar, mas eu sempre fui, desde o início, um músico original, a tentar ter o meu próprio estilo e desenvolver eu sozinho.

YURI SUNDERMEYER: Is the Irish music scene big enough for musical artists to make a living?

TOM BATES: Good question again. So, as an original artist, it's hard; it can be quite hard. There are small scenes where people stick together and it's very hard to make it. You can become a professional musician for corporate gigs or cover bands for weddings and all that. You can make a good career of that here. I don't really do that so much. I'm on a percussion group as well with four or five of us and we do corporate gigs sporadically for a couple of months. In that sense, you can make a decent career out of it. Original music, unless you got some backing behind you, like arts councils or grants or a financier or agents or management and all those things, making it in Ireland can be difficult. As well, genre is important. If you're in a genre that people don't recognize or don't like, then it's a bit harder to make it.

YURI SUNDERMEYER: A cena da música irlandês é suficiente grande para um músico fazer da vida?

TOM BATES: Boa pergunta novamente. Então, como um artista original, é difícil. Pode ser muito difícil. Há pequenas cenas que as pessoas ficam juntas e é muito difícil fazer-lo. Tu podes tornar-te num músico profissional para concertos corporativos ou bandas para casamentos e muito mais. Tu podes fazer uma boa carreira com isto aqui. Eu realmente não faço muito disso. Também estou num grupo de percussão com quatro ou cinco de nós e fazemos concertos corporativos esporadicamente por alguns meses. Nesse sentido, você pode fazer disso uma boa carreira.

Música original, a menos que tu tenhas algum apoio atrás de ti, como conselho de artes ou subsídios ou um financiador ou agentes ou gerenciamento e todas essas coisas, faze-lo na Irlanda pode ser difícil. Além disso o género é importante num género que toda a gente não conseguir reconhecer ou não gosta, então é um pouco mais difícil faze-lo.

CONSTANÇA SIMÕES: To make a living off music, do you think you only need talent or also a little bit of luck?

TOM BATES: Yeah, it seems like there's a lot of luck in it, because you can't just have talent. If you just have talent, you're just sitting in your bedroom and not putting it out there, then no one is going to know. Luck and who you know... you have to get to know the right people. That's a big thing and that's the case with any scene. Networking. Who you know and whether they like you or not.

CONSTANÇA SIMÕES: Para fazer isso da vida, você acha que apenas precisa de talento ou um pouco de sorte?

TOM BATES: Sim, parece que existe muita sorte na indústria da música, porque tu não podes apenas ter talento. Se tu tens talento, mas ficas sentada no teu quarto sem promover ou publicar as tuas músicas, ninguém vai saber. Sorte e quem tu conheces... tu tens de conhecer as pessoas certas. É uma coisa importante e não importa o tipo de música. Networking. Quem tu conheces e se eles gostam de ti ou não.

RAFAELA MATOS: What is the best life decision you have ever made? Where did you get things right?

TOM BATES: I was glad that I went and studied music. When I studied, and immediately after studying, it wasn't like, "Oh, wow! Everything is falling into place now and it's working out." But now and in the last few years with the different bands I've been on and all the tools I've learned and that I can pull out of the bag when I want them, it's like this, if I didn't go and do what I did, then it would have made things harder for me to achieve what I achieved. So, probably that's it. Also, sticking to your guns as well in terms of your creative art.

RAFAELA MATOS: Qual foi a melhor decisão da tua vida? Onde tu acertaste na vida?

TOM BATES: Eu estava feliz que estudava música. Logo depois de estudar não foi assim, "Oh, uau! Tudo se está a encaixar agora e está a dar certo." Mas agora e nos últimos anos, com bandas diferentes em que eu toquei e todas as ferramentas que eu já aprendi que consigo utilizar quando eu quero são assim, se eu não tivesse feito aquilo que eu disse que ia fazer, assim teria feito com que fosse mais difícil para mim atingir, aquilo que atingi. Então provavelmente isso também manter as suas ideias em termos da sua criatividade.

CONSTANÇA SIMÕES: What's the one thing you have done which you wish you could have a do-over?

TOM BATES: It's hard. I don't really have any regrets as such. I was on other bands when I was younger. For instance, there was my first real proper band that was doing real good gigs called The Hundred Flower Campaign and we had something special as well and we were all living in Dublin together, but something happened and we all split up at a point when we were getting a bit of notice. It was like,

those things at that point, if we had had the right people come and say, “Here’s a tour! Come and support us!”, or “Here’s a management team,” who knows? We had the right look there and then and it could have been a nice moment.

CONSTANÇA SIMÕES: Qual é uma coisa que você gostaria de refazer mas de forma diferente?

TOM BATES: É difícil. Eu realmente não tenho muitos arrependimentos desse tipo. Eu gostava disso quando estava em outras bandas quando era mais novo... houve a minha primeira banda de jeito que estava a fazer bons espetáculos chamada The Hundred Flower Campaign e nós tivemos uma coisa mesmo especial também e nós estávamos todas a viver junto em Dublin, mas algumas coisa aconteceu e nós separamo-nos no momento em que estávamos a começar a ganhar fama. Era assim, se nós tivermos as pessoas certas para nos dizer, “Aqui está uma tour! Vem e apoia-nos!” ou “Aqui está a gerência.” Nós tivemos o visual certo e conseguiria ser um bom momento.

ISABEL BORGES: How would you describe the feelings you have while playing the drums?

TOM BATES: Sometimes it can be quite meditative. You have to let go of any inhibitions, because sometimes when you are developing, it can be nerve wracking sometimes, but you have to put that to one side and focus on the energy of the music as well. When you are in the right place and playing live you feel like you take off and go into space. I think you’ll know, especially with Frankenstein Bolts, we have some nice moments, because it’s kind of easy-listening, softer music... it’s not heavy, so it can be epic at times. Even when I am playing, I might close my eyes and feel like the music is just happening.

ISABEL BORGES: Como você descreveria os sentimentos que sente enquanto toca bateria?

TOM BATES: Às vezes pode ser bastante meditativo. Tu tens que deixar de lado quaisquer inibições, porque às vezes, quando tu te estás a desenvolver, às vezes pode ser stressante, mas tu tens de por isso de lado e concentrares-te na energia da música também. Quando tu estás no lugar certo e a jogar ao vivo, tu sentes que descolas e vais para o espaço. Acho que tu sabes, especialmente com Frankenstein Bolts, que temos alguns momentos agradáveis, porque é uma música fácil de ouvir e mais suave... não é pesada, então pode ser épica às vezes. Mesmo quando estou a tocar, posso fechar os olhos e sentir que a música está a acontecer.

DIOGO BORGES: Do you dig technology? Is artificial intelligence a development for the better or the worse, especially in the music industry?

TOM BATES: I don’t have anything against technology. I think when I first started playing, I thought I did, you know, but that was just my ignorance, I guess. Before I joined Frankenstein Bolts, they were two guitarists together and they had a drum machine or they used tracks, so I replaced AI in that instance, so that’s a “Yea for humanity!” on that one, but no, I don’t have a problem. I guess you could refer to guitar pedals as technology as well. You know, they’re not AI, but they’re all part of it. I love playing the guitar and I use guitar pedals as well and it’s okay.

DIOGO BORGES: Você gosta de tecnologia? A inteligência artificial é um desenvolvimento para melhorar ou piorar, especialmente na indústria da música?

TOM BATES: Eu não tenho nada contra tecnologia. Acho que quando comecei a tocar, pensei que sim, tu percebes, mas essa foi apenas a minha ignorância, eu acho. Antes de eu me juntar ao Frankenstein

Bolts, eles eram dois músicos, dois guitarristas e tinham uma bateria eletrônica ou usavam faixas, então eu substitui a AI nesse caso, então, isto é um “Sim para a humanidade!” Mas, eu não tenho nenhum problema. Acho que tu poderias te referir a pedais de guitarra, bem como à tecnologia, tu sabes que não é a AI, mas tudo faz parte disso. Adoro tocar guitarra e também uso pedais de guitarra e está tudo bem.

DIOGO BORGES: When you make music, is it more to satisfy your own creative needs to express yourself or are you looking to please the general public and your fans?

TOM BATES: Yeah, I think I kind of talked about this earlier as well, and that depends on who you're playing with, but I always maintain that you should play what feels good to you and not play what you think someone else will feel is art, because then you're not really playing the art that is flowing out of you. I've always felt that way on the drum kit, but from playing guitar more now as well, especially with different guitar effects, my impression would be to just play what you feel and the stuff I write on guitar would be stuff that I am playing how I feel with the intention that people are going to like it, but that's not effecting my decision on it. It's something that is uplifting for people as in they're going to come on this journey with me.

DIOGO BORGES: Quando voce produz música, para si é mais importante o seu próprio trabalho ou agradar o publico em geral e os seus fans?

TOM BATES: Sim, eu penso que já me referi a isto no início, e, isso depende com quem estás a tocar, mas eu sempre defendo que deves tocar de acordo com a tua preferência e não a pensar no que alguém sente como arte, porque tu não estás realmente a tocar arte que tenha origem em ti. Eu sempre sinto isso quando toco bateria, mas ainda mais quando toco guitarra, especialmente com diferentes efeitos que utilizo para tocar guitarra. O meu desejo seria simplesmente tocar o que eu sinto e a música que eu componho para guitarra deveria ser música que eu gostasse com intenção que o público também, mas isso não afeta a minha decisão. É algo que inspira as pessoas e que com elas, fazemos esta viagem.

ISABEL BORGES: Do you think musicians do sell out?

TOM BATES: Yeah, I guess on a smaller scale, you can always tell when the music is not really genuine for themselves and on a larger scale there are a few bands that you could definitely pinpoint where they changed their music solely for commercial reasons and some of them definitely regretted it. I think it is the level of selling out that is important, but in saying that you can look way, way back at the Seattle scene ... all of those record labels had huge contracts on bands, so they had to make albums, so in a sense, that could be selling out as well.

ISABEL BORGES: O que você pensa dos músicos muito focados em vender?

TOM BATES: Sim, eu acho que numa escala mais pequena, tu podes sempre dizer que a música não é realmente genuína para ti, e numa escala maior, existem algumas bandas que definitivamente podias identificar que elas mudaram a sua música apenas por razões comerciais e até algumas delas definitivamente arrependeram-se. Eu acho que para essas bandas, o aspeto comercial é o importante, mas ao olhares para trás e para o ambiente de Seattle todas essas editores tinham grandes contratos

com bandas, e por isso, elas tiveram que fazer álbuns, para de certa forma, responder à necessidade de vender.

Isabel Borges: E porque é que você acha que isso acontece?

Tom Bates: Muitas vezes porque as bandas querem fazer isso e a pressão, a produção da gravadora e as pessoas têm uma ideia dentro da indústria de como querem que a música soe e o que vai vender e para onde querem que ela vá e isso, vem da indústria que molda a criatividade.